

## PALAVRAS DO EDITOR

Algumas discussões sobre o planejamento e a gestão do turismo vêm nos últimos anos ganhando novos aportes teóricos e, como implicação relacional, muitos desafios práticos derivados de problemas estruturais da realidade brasileira. Evidentemente, a partir do momento em que a atividade turística passou a fazer parte, de forma mais efetiva, da agenda política nacional, e igualmente, após sua descentralização iniciada na década de 1990 (o que hoje chamamos de interiorização e/ou regionalização), passou-se a abandonar algumas prerrogativas estritamente economicistas e, concomitantemente, iniciou-se um movimento de revisão em alguns pilares que sustentavam o turismo de massa no Brasil, em especial, uma forte crítica ao conceito de funcionalista de sustentabilidade e ao planejamento estratégico como valorização de cidades à maneira empresarial. Esse movimento revisionista – revisão no sentido de expansão do trabalho da crítica do pensamento – ainda pode ser tímido no turismo, mas já ilustra conquistas substanciais.

Logo, no âmbito da produção acadêmica, alguns avanços foram dados na busca de um *habitus* teórico para a reflexão de uma atividade turística vista não como panacéia, mas sim, como uma alternativa (às vezes complementar, às vezes central) para muitos municípios deprimidos do ponto de vista socioespacial. Conceitos como desenvolvimento de base local e/ou turismo comunitário são exemplos de revisão na relação saber/fazer turismo, sobretudo, considerando-se as assimetrias de poder existentes entre os agentes produtores do espaço turístico (poder público, empresários, terceiro setor,

turistas, residentes, etc.). Ora, considerando que essas assimetrias de poder são a regra (certamente, não são a exceção!), então não há como sustentar determinados padrões sistêmicos que tendem a observar harmonia e equilíbrio nos lugares em que estão presentes tensões, desvios, conflitos, contradições, disputas, dominações, etc. Daí que, no turismo, essa contribuição – que vem, sobretudo, das ciências sociais e muito fortemente da chamada geografia crítica de formação marxista – tem sido muito positiva para a renovação de seu campo de saber, atenuando efeitos de teorias sistêmicas dominantes e incorporando perspectivas teóricas críticas aos seus estudos empíricos tão proeminentes hoje para a gestão dos espaços e territórios turísticos.

É certo, contudo, que a reflexão acadêmica sobre o turismo no Brasil ainda é recente, fragmentada, polarizada e, acima de tudo, dependente de teorias sistêmicas que pouco contribuem para uma compreensão dialética da atividade em sua totalidade, o que faz com que discursos funcionalistas, compensatórios e economicistas tenham força na estruturação do planejamento e da gestão do turismo em realidades de modernização periférica.

Não devemos, todavia, esquecer que o turismo é, para além de qualquer meta-narrativa lúdica ou hedonista, uma atividade econômica. Como tal, precisa ser pensada também sob a ótica administrativa. Não há turista se não houver promotores da atividade e, certamente, sua dimensão econômica não pode ser negligenciada. Mesmo assim, e essa é uma das reflexões mais imperativas a serem feitas atualmente, o turismo pensado excessivamente do ponto de vista econômico-administrativo termina caindo no fetichismo das estatísticas, na miséria das entradas e saídas de divisas, no engodo do progresso a todo custo. Nesse ínterim, muitas de suas dimensões essenciais são esquecidas, tais como ludicidade, alteridade e desenvolvimento pessoal e social. Conseqüentemente, tenta-se corrigir problemas vitais do turismo a partir de soluções instrumentais, o que termina retroalimentando todo um circuito de valorização do capital em detrimento da valorização de certos valores essenciais do ponto de vista sociocultural. Destarte, pouco muda em termos estruturais e as políticas de turismo continuam caindo no vazio instrumental-funcionalista da aparência.

Baseado nessa breve reflexão, a *Revista Turismo: Estudos e Práticas*, editada na *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte* (Campus Central, Mossoró/RN), vem apostando nesse cenário de mudanças. O periódico objetiva ser um momento crítico para os movimentos de construção e renovação da produção do saber turístico, na medida em que destaca algumas das proeminentes necessidades teóricas para esse campo do saber e aponta alguns dos limites empíricos que o turismo brasileiro terá que enfrentar caso queira consolidar um turismo competitivo para sua economia, menos desigual do ponto de vista social e ambientalmente responsável.

Assim, os artigos que fizeram parte do *vol. 1, n. 1, jan./jun. 2012*, bem como os selecionados neste *vol. 1, n. 2, jul./dez. 2012*, procuram dar sua quantia de contribuição ao debate. Trata-se, pois, de um esforço conjunto, plural e heterogêneo de distintos pesquisadores, que define muito do entusiasmo de pessoas que almejam ver o turismo de uma forma mais crítica. São textos e reflexões que representam, no interior de cada ponderação, a vontade em desvendar certas particularidades dos fenômenos turísticos e de apontar caminhos para os muitos descaminhos existentes hoje no turismo brasileiro, em especial, no Nordeste do país.

Este foi o primeiro ano do periódico. Apenas o primeiro passo na direção de muitas caminhadas que estão por vir. Foi, não obstante, um ano de experiência, de teste e de iniciação, um prelúdio aos trabalhos de planejamento e gestão de uma revista acadêmica. Certamente tivemos alguns tropeços que servirão como aprendizagem.

Este primeiro ano foi também, para além das dificuldades, certamente, uma temporada de muito trabalho e de muita satisfação, tendo em vista o número motivador de contribuições recebidas e a boa relação travada com os autores. Não poderíamos deixar de agradecer a todos os autores-colaboradores que apostaram nessa empreitada.

Igualmente, não poderíamos deixar de agradecer a todos os membros de nosso *Conselho Científico*. Agradecemos por cada parecer emitido e por cada gesto de dedicação para com nossas atividades.

Além disso, agradecemos também a toda a equipe das *Edições UERN*, em especial, Fábio Bentes Tavares de Melo e Daniel Abrantes Sales, pela disponibilidade sempre prestada.

Agradecemos também a Rick Waekmann pelo competente trabalho realizado nas capas dos números 1 e 2 deste volume primeiro.

Assim, esperamos que estes dois primeiros números possam ser o princípio de novas e mais proveitosas edições que estão por vir. *Ab initio*, este é o intento maior do periódico.

**Prof. Dr. Jean Henrique Costa (UERN)**

*Editor*